xv abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

ENTRE A TENSÃO E A BANALIDADE: NARRATIVAS DA VIOLÊNCIA NO CONTO BRASILERIO DO SÉCULO XXI

Luana Teixeira Porto (URI)

Resumo: Grupos minoritários e suas dificuldades de inserção e aceitação social, repressão social e política em contextos autoritários, imigração, exílio, subjetividades em crise, violência social e simbólica são alguns dos temas recorrentes na prosa brasileira contemporânea. A violência tem sido objeto de reflexão de pesquisadores interessados em desvendar as relações entre sociedade, violência, literatura, incluindo ainda obras artísticas de outra natureza, como o cinema. Considerando que a representação da violência é intensa na literatura contística contemporânea., este trabalho discute problematizações acerca da violência propostas por contos brasileiros, acentuando a reflexão sobre a as relações entre sociedade, espaço urbano e violência, já que esta e sua representação manifestam-se de forma prioritária em contos cujo enredo desenvolve-se em contextos citadinos. Interessa observar o modo como narrador abordam o tema da violência social e as estratégias estéticas adotadas para isso. O objetivo deste estudo é investigar relações, expressas em contos literários em prosa produzidos no século XXI, entre literatura e violência para ampliar o debate acerca dos diálogos entre literatura e sociedade no Brasil numa perspectiva comparatista. Busca-se identificar de que forma o conto brasileiro do século XXI aborda práticas de violência enraizadas ou surgidas na cultura brasileira a fim de discutir o sentido e a função social das narrativas curtas que problematizam a violência no contexto histórico-social-político-cultural do Brasil. Para isso, examinam-se de modo especial duas narrativas de Beatriz Bracher e Marçal Aquino. Ao desenvolver um estudo crítico dessa narrativa, nota-se a presença de uma estreita relação entre literatura e representação da violência, apontando-se esta como fator motivador para práticas de violência e exclusão social no Brasil que são problematizadas via forma narrativa e linguagem literária. Além disso, observa-se uma oscilação entre o tensionar a violência e banalizá-la na representação literária dos autores examinados.

Palavras-chaves: conto brasileira, violência, banalidade.

Assim como Rubem Fonseca explorou a temática da violência em suas narrativas curtas nos anos 1970, inaugurando a chamada "literatura *brutalista",* expressão usada por Alfredo Bosi para caracterizar os textos do autor, outros escritores brasileiros construíram histórias em que a temática da violência, seja ela social ou simbólica, constitui pano de fundo ou tópico central de romances e contos quando se consideram os textos em prosa. No grupo de autores que abordam experiências de

violência na literatura brasileira contemporânea, podem ser citados, entre outros, Sérgio Sant'Anna, Caio Fernando Abreu, Ignácio de Loyola Brandão, Paulo Lins, João Gilberto Noll, Drauzio Varella. Num cenário mais recente, Ana Paula Maia, Beatriz Bracher, Marçal Aquino e Marcelino Freire podem ser lidos como escritores que também têm explorado o tema da violência em suas narrativas curtas e, embora exemplifiquem muitos traços do que parte da crítica literária tem apontado como marca da literatura produzida no início do século XXI, possuem singularidades formais e conteudísticas, especialmente quando são consideradas suas "narrativas da violência"

Obras desses escritores constituem objetos ricos para reflexão sobre as questões anteriormente esboçadas, e os recursos estéticos explorados pelos autores podem apontar caminhos e/ou tendências da prosa brasileira contemporânea, ampliando o debate sobre a função social dos textos e ainda sobre o caráter referencial/testemunhal que muitos textos assumem por tematizarem uma realidade concreta e a relação desse caráter com o valor artístico das obras. Nesse sentido, cabe mencionar a observação de Tânia Pellegrini (2008):

> Há quem afirme que o conjunto da literatura brasileira atualmente exige novos modelos de análise, capazes de estimular novas leituras e interpretações, uma vez que a tendência à exacerbação da violência e da crueldade, com a descrição minuciosa de atrocidades, sevícias e escatologia, vem pontuando cada vez mais tanto narrativas literárias quanto as audiovisuais, do cinema ou da televisão. Como se a dramatização do princípio da violência passasse a ser diretriz principal da organização formal, com seu caráter inarredável e obsceno, subsumindo tempos e espaços, personagens e situações. (PELLEGRINI, 2008, p. 41).

Apesar de as narrativas da violência não se circunscreverem apenas no âmbito da arte literária, é sobre ela que elaboramos este texto. Entendemos que, a partir dos anos 1970, temos uma explosão de obras que acenam para a violência como um dos traços que singularizam o sujeito e o espaço social no contexto brasileiro, seja através de uma violência simbólica que caracteriza as relações pessoais e as relações entre civis e Estado, seja a violência social, que atinge não só a integridade do sujeito, mas também a estrutura social, revelando a necessidade de haver uma discussão sobre o papel da arte e a necessidade de construção de políticas de enfrentamento de práticas de violência. Quando pensamos em textos mais recentes, um questionamento parecer ser crucial para avaliar criticamente narrativas curtas as quais nos referimos como "narrativas da violência": A abordagem da violência assume quais contornos em termos de

organização formal e estética dos contos? É possível identificar pontos em comum em diferentes escritores em suas narrativas que apresentam cenas de crueldade e agressão, considerando não só uma possível representação de grupos sociais mais propensos à prática de violência, mas também um espaço privilegiado para a barbárie? O tema da violência tem sido mote de narrativas por ser objeto potencial de consumo hoje ou por ser necessário, do ponto de vista ético e artístico, problematiza-lo e quiçá condená-lo como pratica de nossa formação social?

Assim, este trabalho discute problematizações acerca da violência propostas por contos brasileiros, acentuando a reflexão sobre a as relações entre sociedade, espaço urbano e violência, já que esta e sua representação manifestam-se de forma prioritária em contos cujo enredo desenvolve-se em contextos citadinos. Interessa observar o modo como narrador abordam o tema da violência social e as estratégias estéticas adotadas para isso. O objetivo deste estudo é investigar relações, expressas em contos literários em prosa produzidos no século XXI, entre literatura e violência para ampliar o debate acerca dos diálogos entre literatura e sociedade no Brasil numa perspectiva comparatista. Além disso, busca-se identificar de que forma o conto brasileiro do século XXI aborda práticas de violência enraizadas ou surgidas na cultura brasileira a fim de discutir o sentido e a função social das narrativas curtas que problematizam a violência no contexto histórico-social-político-cultural do Brasil. Para isso, examinam-se de modo especial duas narrativas curtas: uma de Beatriz Bracher (conto “João”) e outra Marçal Aquino (conto “Boi”).

Literatura e violência no brasil

Ao associar produção artística e contexto social, Tânia Pellegrini (2005) destaca que a violência é uma prática constitutiva da cultura brasileira e que as obras artísticas, independentemente de sua natureza, abordam a violência “como um elemento fundador a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial” (p. 134). Dessa forma, a autora explica que, ao longo da história literária brasileira, a violência foi explorada através de diferentes matizes tanto na prosa quanto na poesia e esteve relacionada a diversos temas, como a conquista do Brasil, a ocupação da terra brasileira pelos portugueses, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras, entre outros.

Karl Erik Scholhammer (2000) também compartilha a ideia de que a violência é uma marca fundadora da cultura brasileira e afirma que o tema da violência é recorrente na literatura moderna do Brasil, o que não permite compreender a presença intensa dessa temática como uma "extravagância de gosto duvidoso ou aberração" (2000, p. 236). O autor acrescente ainda que, ao longo da transformação econômica e social pela qual o Brasil passou, surgiu uma literatura que assumiu uma busca por expressar, através da escrita artística, a complexidade de uma experiência que cresce tendo como pano de fundo a violência. O pesquisador aponta também alguns cenários nos quais a violência representada na literatura acontece: interior, campo, serão, cidade. Nessa linha de reflexão sobre os contextos em que a literatura problematiza a violência, Pellegrini (2005) identifica que a violência na literatura brasileira produziu a chamada "literatura regionalista" e a "literatura urbana" e, guardadas as devidas diferenças entre essas duas literaturas, elas têm em comum o fato de marcarem a "convivência agônica entre civilização e barbárie." (p. 136). Em outras palavras, a violência caracteriza de modo intenso os mais diversos espaços do contexto brasileiro.

Nas narrativas brasileiras modernas, nas quais o cenário privilegiado é a cidade, o espaço urbano é apontado como uma expressão concreta da dessimbolização da violência fundadora da cultura brasileira, o que acarreta o questionamento da própria ideia de urbanidade, pois, de um lado, a cidade é mostrada pelos escritores como um espaço de organização e racionalidade e, por outro, como um lugar propício para a vivência de situações-limites conforme explica Scholhammer (2000). Para este estudioso, os escritores conseguem comunicar a violência urbana ou tentar comunicá-la e, ao fazer isso, criam uma forma de ressimbolizar a violência, destacando a cidade como o espaço para a procura da literatura por uma nova expressão, que acentue o traço duplo da cidade: ser ao mesmo tempo sinônimo de organização e de caos: "A experiência urbana se dá simultaneamente como inscrita pela lógica estrutural da cidade como fator de controle dos conflitos sociais e como expressão visível deste caos que brota e se prolifera à margem da ordem". (SCHOLHAMMER, 2000, p. 252)

A cidade enquanto espaço onde ocorrem diversas práticas de violência social é o cenário das narrativas e, na contemporaneidade, muitos contistas servem-se desse cenário não só para apontar as suas contradições, mas também para sinalizar que a cidade, devido a diferentes fatores, como multiculturalismo, repressão sexual, opressão política, desigualdade e marginalidade sociais, torna-se um contexto convidativo para

práticas de intolerância e violência, as quais passam a ser problematizas em narrativas curtas, como a de Beatriz Bracher.

O conto de Beatriz Bracher e Marçal Aquino

Beatriz Bracher estreou na literatura em 2002 com um romance e publicou seu primeiro livro de contos em 2009, *Meu Amor*, o qual reúne textos publicados pela autora em diferentes veículos de comunicação entre os anos de 2004 e 2008 e é composto por sete partes, sendo que nas seis primeiras a escritora apresenta contos e na última, um poema intitulado "My Love", que também dá origem ao título da obra escrito em língua portuguesa.

O conto "João", inserido na terceira parte da obra, é uma narrativa que permite compreender o texto da autora como uma leitura de um contexto social hostil em que a violência se configura como traço marcante e em que o amor, ironicamente, é ausente ou frágil e impotente para construir relações de afeto e de harmonia. "João" é escrito em primeira pessoa por um narrador-protagonista que conta a sua própria história de vida passada do tempo da escola no primeiro ano do Ensino Médio até a detenção do então jovem aluno na antiga FEBEM. Ao se autodefinir como sujeito consciente da precariedade da vida e dos sofrimentos que provocara a sua mãe, triste e desolada por ver um filho em situação de "cárcere" com fins educativos, o narrador-protagonista, João, declara-se com uma pessoa levada, pelas circunstâncias, ao mundo do crime: "não pensei esse caminho para mim" (BRACHER, 2009, p. 47). Para ele, a prática delituosa é uma consequência das amizades com "vizinhos do lado esquerdo" e das vivências que teve, das quais a sua passada pela escola só traz lembranças negativas assim como a sua leitura do país em que vive só remete a desesperança e desassossego.

Aluno de uma escola onde os estudantes eram pobres e na qual havia uma professora que assumia um discurso rotineiro que acentuava a condição de pobreza dos discentes e o estudo como a única forma de ascensão social, João destaca ter construído uma imagem de escola como local sem função social e formativa que mereça reconhecimento. A escola, para ele, é um espaço desprezível: "Agora eu me lembro da escola e não sei mais; é insatisfatória do primeiro ao último tijolo, à ultima letra do teclado dos computadores da sala de informática." (BRACHER, 2009, p. 47) A insatisfação generalizada de João em relação à escola intensifica-se, no plano do discurso do narrador, à medida que ele rememora a atitude da professora, cujas palavras e olhar permanecem vivos em sua mente e cujos olhos o visitam e assombram mesmo passado o tempo de escola.

Agora, já em fase de reabilitação na FEBEM e depois de ter tentado fugir, sem sucesso, desse órgão de ressocialização educativa, João busca compreender o efeito do discurso da

professora em sua vida. Na perspectiva do protagonista, que apresenta a professora segundo sua imagem e visão, não dando o espaço para o surgimento da voz dela nem para a sua leitura dos fatos (já que todo o texto é narrado em primeira pessoa), a professora, ao destacar que "quem é pobre deve aproveitar mais a escola do que os outros, que para gente pobre a única chance está nos estudos" (BRACHER, 2009, p. 47), imprimia uma visão de mundo voltada para a segregação: de um lado pobres, de outro ricos; de um lado, ignorantes e sujos; de outro sábios e limpos. Por se reconhecer como pobre, via-se ignorante e sujo e, por isso, João tinha vergonha de estudar embora fosse bom aluno e alcançasse resultados satisfatórios nas avaliações.

Esse sentimento de repulsa a uma condição apontada pela professora como inferior fazia ainda com que João nutrisse um desejo de morar no exterior onde não pudesse ser chamado de João e sim de "Uélinton" (BRACHER, 2009, p. 50). Tal desejo manifesta ainda a consciência do narrador-protagonista em relação à violência simbólica do discurso em uma sociedade que recrimina os sujeitos em situação de marginalidade e rotula-os como menores em relação aos outros, os não-pobres, os não-ignorantes, aqueles que terão chances de ter uma vida mais digna. Pertencendo ao um espaço urbano que favorece a segregação, João não alimenta expectativas de ter um futuro diferente daquele da criminalidade apesar de saber que tem bom potencial discursivo - suas redações são consideradas pela professora satisfatórias, dado que poderia tirá-lo, de alguma forma da marginalidade -, pois a cidade em que vive, ao mesmo tempo em que dispõe de escolas e boa educação, não possibilita o acesso de todos a uma educação "satisfatória". O saldo para aqueles que são pobres é a criminalidade e a perpetuação da imagem e do olhar da professora que, assim como a sociedade em geral, contribui para a exclusão social e para a limitação das possibilidades de reversão de situações de violência, porque ela também exerce a violência, mesmo que simbólica.

Dessa forma, tal como propõe Scholhammer (2000), o cenário urbano mostra-se dual, e viver no ambiente citadino é, para os marginalizados, estar condenado a uma vida permeada de adversidades. Além disso, pode-se notar que, ao representar a leitura de um jovem criminoso que apresenta, através da escrita, o mundo em que vive e os descompassos existentes num Brasil que separa pobres e ricos, ignorantes e sábios, a narrativa de Bracher acentua o papel da literatura na leitura da sociedade.

Marçal Aquino é jornalista, roteirista de cinema e escritor. Iniciou sua carreira literária em 1984, com o livro de poemas *A depilação da noiva no dia do casamento;* seu primeiro livro de contos foi lançado em 1991. O conto "Boi" integra o livro *Famílias terrivelmente felizes*, publicado em 2003. Em leitura de Tânia Pellegrini (2012), a pesquisadora o inclui como um exemplo de representação contemporânea que explora a violência e dá continuidade a uma escrita literária, cujas vertentes remontam a Rubem Fonseca e reforçam o novo Realismo na prosa brasileira. Para a autora, Aquino

explora a condição do homem como lobo do homem e acentua o princípio do trágico na literatura brasileira, exemplificado por histórias sem final feliz, e um "realismo miserável".

Em nossa leitura, a narrativa de "Boi" ultrapassa a dimensão realista e propõe uma associação entre escrita literária, função social do texto e orientação para uma postura ética do leitor diante da representação da violência. A narrativa, que se inicia com uma indicação de posicionamento temático se anuncia como uma "Homenagem a João Antonio [1937-1996], poeta dos escombros do mundo" (AQUINO, 2003, p. 180), aborda o embate entre dois mendigos em uma cidade grande, Boi e Eraldo. O primeiro é apresentado nas primeiras linhas pelo narrador como um sujeito vulnerável às mazelas do tempo e a condicionamentos sociais e como um ser em situação de degradação física e moral: "Não era gordo. Estava sempre inchado – de cachaça e das bordoadas da vida. Daí o apelido: Boi" (AQUINO, 2003, p. 181). Boi, assim chamado como meio de aludir à animalização da vida e à brutalidade do homem, é consciente da hostilidade da vida e da dificuldade de sobrevivência em um cenário de miséria humana e social.

O outro, Eraldo, não recebe uma caracterização direta. Assim como Boi, vive na penúria, mas o que difere deste é que vive no "melhor barraco das redondezas" (AQUINO, 2003, p. 182), dividido em cômodos, o que provoca o desejo e a proposta de Boi de dividir com Eraldo a moradia, proposição negada: "Não dá, Boi. Tô bem sozinho. E a minha casa não é pensão" (2003, p. 183). Diante da resistência, a alternativa encontrada por Boi para fazer valer seus desejos é o uso da força e da violência. Contrata dois capangas, vai até o barraco de Eraldo e o intimida: "Você vai embora daqui na boa ou na porrada?" (2003, p. 184). Sem demonstrar medo ou pavor, Eraldo retruca, dizendo aos capangas que pode pagar-lhes melhor que Boi pelo serviço a que se propõe, e então oferece-lhes dinheiro conseguido através de esmolas para dar um ensimanento a Boi: "O dinheiro é de vocês. Agora quero que vocês levem o Boi pra bem longe daqui e batam nele sem dó. Estou pagando pela surra. Que é pra ele aprender." (AQUINO, 2003, p. 184-185)

A cena mostra claramente que a violência em contextos de marginalidade social é o meio encontrado para a solução de conflitos, sugerindo que, para os personagens, como exemplos de sujeitos sociais, a violência é algo naturalizado e contra a qual não adianta resistir. Para além disso, a violência regula as forças de grupos sociais e isso é apontado no conto pelo embate entre Boi e os capangas que agora foram contratados por Eraldo par espancar Boi, que com astúcia envolve-os, toma-lhes o revólver e o dinheiro

e afasta as chances de ser surrado. De presa fácil passa a ser o comandante do espaço e isso lhe impulsiona a ter, para si, o barraco de Eraldo. Sente-se forte, legitimado pelo uso da violência, e, nesse sentido, suas ações de crueldade se intensificam. Em lua física com Eraldo para dominar o barraco, Boi o derruba e Eraldo cai batendo a cabeça em uma pedra. Em corpo inerte, Eraldo é arrastado para dentro do barraco, e Boi entende ter matado o rival, cujo corpo permanece nos aposentos sem causar estranhamento ou sentimento de culpa até que chegam funcionários de uma construção que obrigam Boi a retirar-se do barraco, que logo seria destruído para dar espaço a obras de um viaduto. É nesse momento que Boi e o leitor são surpreendidos, pois Eraldo não havia morrido, havia apenas se disfarçado de morto e, aproveitando o descuido de Boi, usa o revólver deste para tentar matá-lo, embora Boi consiga sobreviver por ser levado às pressas pelos funcionários da obra ao hospital. O final do conto é melancólico: Boi fica preso a cadeiras de roda e Eraldo vai para um asilo, onde, sem poder falar, balbucia uma única palavra, "boi", e Esso o faz ser chamado também de Boi pelos companheiros de abrigo.

Com uma escrita objetiva, frases curtas, poucos diálogos, vocabulário simples, a narrativa em terceira pessoa de Aquino expõe um narrador que se mostra distante dos fatos que relata e que não estabelece envolvimento emocional com as cenas de crime que conta ou com a situação de degradação humana que caracteriza a vida dos personagens da história. Esse distanciamento do narrador, numa primeira leitura, poderia ser visto como uma simples reprodução da realidade, fazendo com que o conto não assumisse um empenho em problematizar a realidade violenta. O conto de Marçal Aquino, nessa perspectiva, seria um exemplo de literatura pouco preocupada em construir "representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata" e provocam uma expectativa de transformação da sociedade como almejou Candido (2000, p. 53). Todavia, nossa leitura organiza-se em direção contrária.

O conto "Boi", com sua escrita distante da complexidade narrativa de autores como Guimarães Rosa e com uma prosa do cotidiano que aproxima a linguagem literária à linguagem mais popular, permeada de gírias e sintaxe menos elaborada, exerce sua função social ao mostrar o leitor tensões que ecoam no submundo da marginalidade. Ao dar voz a sujeitos em situação de exclusão social tachados como frívolos e a criar uma cena narrativa em que a luta por espaço de "sobrevida" tem a violência como moeda para "aquisição" de uma vida menos árida, a narrativa de Aquino assume um compromisso de conduzir o leitor para, pelo menos, uma reflexão sobre a sociedade violenta e desigual em que vivemos e, se não incitar uma transformação dessa

realidade, pelo menos não se exime da responsabilidade de escancarar um processo de aniquilamento do sujeito marginalizado em espaços urbanos e só isso já é motivo suficiente para reconhecer no conto do autor uma produção que resiste à aceitação tácita da violência. Afinal, como diz o narrador, "De certa maneira, Boi também sobreviveu." (AQUINO, 2003, p. 191). E enquanto textos como o de Aquino continuarem a ser produzidos, certamente a crueldade dos fatos que nos aterrorizam no cotidiano e a violência que consolida relações de poder e interpessoais não serão apontadas, pelo menos na literatura, como algo banal.

Os textos dos autores acenam para o papel da literatura na interpretação ou no questionamento de problemas sociais, cujas causas podem até ser melhor explicadas em tratados sociológicos ou antropológicos, mas são enfrentadas no plano da arte. Na medida em que os escritores dão voz a personagens marginalizados socialmente, propõem uma perspectiva crítica de enfrentamento da prática violenta e de reflexão sobre as relações de causa e efeito de tais práticas em contextos hostis, como o brasileiro. Tendo em vista as leituras construídas dos contos examinados, é possível considerar que: a) os textos literários examinados propõem de formas distintas uma crítica à violência, indicando a necessidade de reflexo do leitor sobre práticas de violência social e sua relação com dados do contexto histórico brasileiro; b) os contistas, através dos textos, sinalizam consciência de uma história social brasileira marcada por práticas de violência e assumem uma postura ética ao tratar esteticamente essa temática; c) a representação da violência dá-se com formas e linguagens que se desprendem de uma elaboração estética complexa para dar lugar a uma expressão mais objetiva e próxima da linguagem cotidiana; d) a literatura como arte social é capaz de incitar um questionamento sobre o cotidiano trivializado da violência, promovendo uma contestação da espetacularização da violência; e) os contos que problematizam a violência social, mesmo que em termos estéticos não alcancem grade elaboração, configuram-se como "vozes de resistência" para construção de uma sociedade pautada na não-violência.

Contudo, precisamos ressaltar que os dois contos comentados não ilustram a tendência de todos os autores contemporâneos ao abordar o tema, haja vista uma produção narrativa (na qual se inclui a audiovisual) que explora a temática da violência com vistas ao consumo, sem uma problematização artística e social, e que não podemos também glorificar uma literatura que também tem colaborado por construir um imaginário coletivo que associa pobreza à criminalidade e a ação violenta a grupos sociais desprestigiados.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Marçal. *Famílias terrivelmente felizes.* São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BRACHER, Beatriz. *Meu amor.* São Paulo: Ed. 34, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura & Sociedade*. São Paulo: T. A. QUEIROZ, 2000.

GINZBURG, Jaime. Apresentação. In: _____. *Crítica em tempos de violência.* São Paulo: Edusp e FAPESP, 2012. p. 13-18.

PELLEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. *Crítica marxista*, 2005. 2005. Disponível em: <www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-Apelegirni. pdf>. Acesso em: 18 mar. 2012.

_____. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. In: DALCASTAGNÈ, Regina. *Ver e imaginar o outro:* alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2008. p. 41-56.

_____. De bois e outros bichos: nuances do novo Realismo brasileiro. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea,* Brasília, n.39, p.37-56, 2012. Disponível em: < http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/issue/view/760>. Acesso em: 20 ago. 2012.

SCHOLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto M. (org.) *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.236-259.